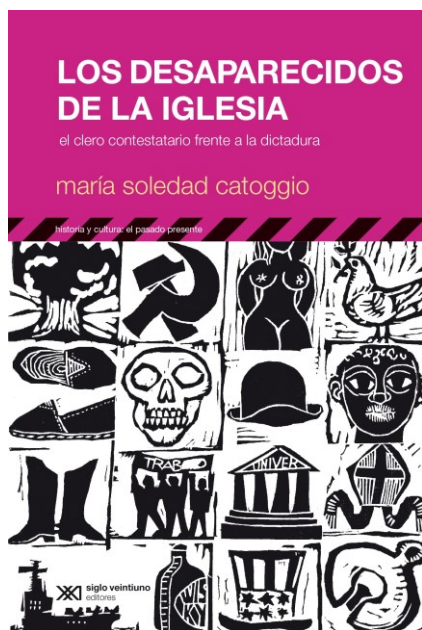


DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v12i34.47331>

CATOGGIO, María Soledad. *Los desaparecidos de la iglesia: el clero contestatario frente a la dictadura*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016, 288 p. ISBN 978-987-629-625-0.

Recebido em 03/04/2019 - Aprovado em 22/04/2019

Karin Helena Antunes de Moraes ¹



A professora da Universidade de Buenos Aires (UBA) e pesquisadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET), María Soledad Catoggio, tem desenvolvido ao longo de sua carreira uma série de pesquisas acerca da Igreja Católica, suas atividades e relações na Argentina. Suas análises englobam também temas transversais, como direitos humanos, atividade dos clérigos diante dos distintos processos sociopolíticos do país, as estruturas e disputas de poder no interior da instituição e também, a repressão sofrida por fiéis, religiosos e seus familiares durante as ditaduras que se sucederam no país ao longo do século XX. Entre seus trabalhos anteriores, e que convergem com a temática e os objetivos levantados e discutidos no livro *Los*

desaparecidos de la Iglesia: el clero contestatario frente a la dictadura (2016), podemos mencionar *Cambio de hábito: trayectorias de religiosas durante la última dictadura militar* (2010), *Religious Beliefs and Actors in the Legitimation of Military Dictatorships in the Southern Cone, 1964–1989* (2011) e *Tiempos violentos: Catolicismo y dictadura en la Argentina de los años setenta* (2015).

Em *Los desaparecidos de la Iglesia: el clero contestatario frente a la dictadura*, a socióloga aprofunda o debate lançado em suas publicações anteriores e remarca sobretudo, as

¹ Doutoranda em História pelo Universidade do Estado de Santa Catarina. Email: karin.helena@gmail.com

relações da Igreja com a política e o Estado, as diferentes perspectivas de mundo, formas de organização e atuação, além da violência sofrida pelos religiosos, perpetrada por regimes autoritários, privilegiando para isso, o período da última ditadura cívico-militar (1976-1983).

Localizado em uma espécie de intersecção entre a Sociologia e a História do Tempo Presente, este livro desenvolve uma análise acerca de questões sensíveis e candentes para a sociedade argentina, que desde a redemocratização em 1983, têm convivido, debatido e se confrontado com uma série de relatos acerca dos crimes praticados pela junta militar que tomou o poder em 1976. Se entrelaçam nesta matriz temporal a memória coletiva, os testemunhos de sobreviventes, de familiares de desaparecidos, de filhos de torturadores, além, dos julgamentos dos repressores. Estes relatos potencializam o debate acerca do dever de memória e justiça para as vítimas da ditadura defendido por diferentes agrupações de direitos humanos como as *Madres* e as *Abuelas de Plaza de Mayo*. Para sistematizar sua análise Catoggio recorre a um vasto número de fontes que vão desde jornais, publicações institucionais da Igreja argentina, materiais de arquivo, cartas e entrevistas orais.

O livro está dividido em sete capítulos e segue uma sequência cronológica. O objetivo da autora deste modo, é evidenciar os processos que marcam os vínculos entre a Igreja e o Estado, suas aderências, as formas de interpretação e a atuação da instituição frente aos distintos períodos histórico-sociais do país, para, por fim, aprofundar a investigação acerca do período ditatorial.

No capítulo de abertura *Catolicismo militante: La política argentina de la primera mitad del siglo XX*, Catoggio inicia sua análise na década de 30. Este é o período em que o mundo acompanhava um recrudescimento do nazifascismo na Europa, e, cujas bases e discursos encontraram ressonância também em diversos países da América Latina, entre eles, a Argentina. Segundo ela, o caráter militante do clero neste momento, e a proximidade da Igreja com o poder estatal, propiciou um clima de certa simpatia por estes discursos. Muitos membros da Igreja se sentiram identificados e atraídos pelas manifestações nacionalistas de além-mar. Este posicionamento fez com que transparecessem as ambiguidades de interpretação e de relação da Igreja com o peronismo, por exemplo, movimento de base populista que chegaria ao governo no final da década de 40.

María Soledad Catoggio defende que a ascensão do peronismo e a simpatia pelo discurso nazifascista revelam fortes dissonâncias na passagem da década de 30 para a de 40 no interior da Igreja. O forte apelo popular e a mobilização das massas promovida por Juan Domingo Perón (1946-1955, 1973-1974) parecia, em um primeiro momento, convergir com os interesses da Igreja que experimentava uma fase de expansão através do

chamado catolicismo integral. Esta foi uma etapa de expansão e ampliação das estruturas da Igreja, não apenas físicas, mas também, e sobretudo, simbólicas. A Igreja estava cada vez mais inserida na vida dos indivíduos e em suas formas de sociabilidade. Entretanto, o que se viu com a emergência peronista e o giro para políticas nacionais e populares com base na justiça social, foram tensões e divergências internas que se evidenciariam ainda mais ao longo das décadas de 60 e 70.

No segundo capítulo *Catolicismo en clave revolucionaria: Reencantamiento peronista y utopía cristiana*, Catoggio aprofunda a análise acerca do período peronista e a circulação do discurso popular na clandestinidade após o golpe de 1955, que culmina na deposição e exílio de Juan Domingo Perón, na proscrição do partido Justicialista e na perseguição aos militantes peronistas. De acordo com a autora, a Revolução Cubana (1953-1959) e a renovação eclesial balizaram o sentimento utópico dos anos 60. É neste momento que setores da igreja se aproximam do social sob o viés marxista assentando as bases para o Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo, surgido no final desta década. Para detalhar os espaços e as formas de ação dos sacerdotes vinculados aos setores populares a autora dedica o terceiro capítulo *Los lugares de la utopía: Sociabilidades contestatarias del catolicismo argentino*. Aqui ela apresenta uma figura-chave no discurso católico: o mártir. Com seu estoicismo abnegado em busca da libertação e do bem comum, o mártir aparece como um exemplo a ser seguido, o sujeito que conheceria as verdadeiras mazelas do povo. Nos são apresentados neste capítulo, sacerdotes, seminaristas, religiosos e religiosas que visam conformar e fortalecer espaços de transformação social nos locais mais vulneráveis do país buscando convergência com o modo desprendido e em busca de transcendência do mártir.

O quarto capítulo *Disciplinamiento institucional y represión estatal* abriga aquele que talvez seja um dos tópicos de leitura mais complexa: a divisão da igreja durante o autodenominado Processo de Reorganização Nacional (1976-1983). Interpretações simplistas sobre a ditadura argentina costumam apresentar um modelo opositor sem densidade. De um lado, uma igreja conivente, de outro, uma igreja vítima. Catoggio no entanto, procura matizar estes vínculos se afastando de uma oposição totalizante. Através de relatos e documentos, entre os quais se encontram arquivos sobre a última ditadura cívico-militar que foram recentemente desclassificados, a autora procura evidenciar os jogos de poder e as múltiplas interpretações e formas de ação da Igreja Católica frente aos militares e frente ao chamado “clero subversivo”.

No quinto capítulo, intitulado *Víctimas*, a autora apresenta uma lista com 113 vítimas do Estado ligadas ao clero. Catoggio enumera seus nomes, cargos dentro da Igreja e as formas de violência a que estas pessoas foram submetidas.

A pesquisadora utiliza um arco temporal que vai de 1970 – iniciando na autoproclamada “Revolução Argentina”, período ditatorial entre os anos de 1966 a 1973 – até 1983, culminando com a redemocratização do país. Seu objetivo aqui, é realizar uma espécie de inventário que dê conta dos padrões que marcaram os desaparecimentos ou as execuções dos religiosos. A autora afirma que houve um modelo específico de repressão para as vítimas ligadas ao catolicismo. Através do cruzamento de informações de suas fontes, Catoggio pôde perceber que houve predomínio de prisões e assassinatos para estes sujeitos, ao passo que os desaparecimentos eram empregados com maior frequência contra vítimas não religiosas. Outro ponto levantado pela autora, é que também haviam diferenças nas formas de repressão para indivíduos do clero regular e do clero diocesano. Enquanto o primeiro, era costumeiramente vítima de desaparecimentos forçados, o segundo era submetido à detenções, ou, diretamente assassinado.

Como o nome do capítulo permite antever, em *Estrategias del clero frente a la represión estatal* a autora se dedica a observar os subterfúgios da Igreja para enfrentar a repressão do Estado. O que fica evidente aqui, é que em muitos momentos o clero optou por tomar caminhos diferentes daqueles que foram trilhados por familiares de desaparecidos, por exemplo. Entretanto, é notório que, assim como os tipos de repressão, os resultados dos recursos legais, também diferiam de acordo com a hierarquia religiosa da vítima.

O sétimo e último capítulo, *Sobrevivientes, herederos, homenajes* se debruça sobre as memórias das vítimas, a circulação, as formas de apropriação dos relatos e a atuação dentro da Igreja. Para Catoggio, a Igreja argentina optou por fomentar a figura do mártir, dentro de uma concepção ascético-altruista e agora, convergente com a agenda dos organismos de direitos humanos que se fortaleceram a partir de 1983. A autora defende que tal escolha é uma forma de ampliar as diretrizes iniciadas na década de 30 e que se fortaleceram na década de 60, quando a Igreja buscou um maior compromisso social. Deste modo, surge novamente a figura do mártir que não se encaixa nos modelos opositores de inocente e culpado. Ainda que a autora não aprofunde a análise das nuances que permeiam o conceito de mártir reivindicado neste momento, é importante salientar que esta figura não é abstrata e nem está distanciada do período histórico-social em que está inserida. Deste modo, apresenta em si contradições e disputas entre memória e esquecimento.

A obra de Catoggio representa uma fonte significativa para compreender a atuação da Igreja Católica argentina ao longo do século XX. Através dela, podemos realizar a análise do percurso e dos processos internos da instituição e suas diversas formas de posicionamento frente aos movimentos políticos e sociais do país. Esta obra também é significativa para aqueles que desejam realizar análises comparativas entre as formas de atuação e posicionamento da Igreja Católica em outros países da região –

como Brasil, Chile e Paraguai – em períodos de ditadura, percebendo assim, proximidades e afastamentos nestas condutas. *Los desaparecidos de la Iglesia: el clero contestatario frente a la dictadura*, contribui também para a sistematização das formas de violência aplicadas pelos regimes militares contra os religiosos e as diferentes respostas ou silêncios da Igreja Católica.